

PARA A MINHA IRMÃ

JODI PICOULT

PARA A MINHA IRMÃ

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

Para os Currans:

Os melhores membros da família com quem não somos tecnicamente aparentados.

Obrigada por terem uma participação tão grande nas nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

Como mãe de uma criança que foi submetida a dez cirurgias em três anos, gostaria de agradecer em primeiro lugar aos médicos e enfermeiros que lidam habitualmente com os momentos mais difíceis que uma família pode enfrentar e tentam suavizá-los: ao Dr. Roland Eavey e aos enfermeiros pediátricos do Serviço de Oftalmologia e Otorrinolaringologia do Hospital de Massachusetts: obrigada pelo final feliz na vida real. Enquanto escrevia *Para a minha irmã*, tive oportunidade, como sempre, de me aperceber do pouco que sei e do muito que conto com a experiência e intelecto de outras pessoas. Por me permitirem inspirar-me nas suas vidas, tanto em termos pessoais como profissionais, ou pelas sugestões de puro génio literário: obrigada, Jennifer Sternick, Sherry Fritzsche, Giancarlo Cicchetti, Greg Kachejian, Dr. Vincent Guarerra, Dr. Richard Stone, Dr. Farid Boulad, Dr. Eric Terman, Dr. James Umlas, Wyatt Fox, Andrea Greene e Dr. Michael Goldman, Lori Thompson, Synthia Follensbee, Robin Kall, Mary Ann McKenney, Harriet St. Laurent, April Murdoch, Aidan Curran, Jane Picoult e Jo-Ann Mapson. Por fazerem de mim «porta-extintor» por uma noite e me integrarem numa equipa de bombeiros a sério: obrigada a Michael Clark, Dave Hautanemi, Richard «Pokey» Low e Jim Belanger (que também recebe uma distinção por corrigir os meus erros). Pelo apoio considerável que me deram, agradeço a Carolyn Reidy, Judith Curr, Camille McDuffie, Laura Mullen, Sarah Branham, Karen Mender, Shannon McKenna, Paolo Pepe, Seale Ballenger, Anne Harris e à indómita força de vendas da Atria. Por ser a primeira a acreditar em mim, tenho por Laura Gross

a mais pura gratidão. Pela orientação de excelência e pela liberdade para abrir as asas, o meu agradecimento sincero a Emily Bestler. A Scott e Amanda MacLellan, e a Dave Cranmer — que me deram a conhecer os triunfos e tragédias de viver diariamente com uma doença potencialmente fatal — quero agradecer a vossa generosidade e desejar-vos um futuro longo e com saúde.

E, como sempre, obrigada a Kyle, Jake, Sammy, e sobretudo a Tim, por serem o mais importante para mim.

PRÓLOGO

Ninguém começa uma guerra — ou antes, ninguém no seu juízo perfeito devia fazê-lo — sem primeiro ter uma ideia muito clara do que pretende alcançar com essa guerra e de como pretende conduzi-la.

— CARL VON CLAUSEWITZ, *Vom Kriege*

Na minha primeira memória, tenho três anos e estou a tentar matar a minha irmã. Às vezes, a recordação é tão nítida que consigo lembrar-me da comichão que a fronha fazia sob a minha mão, da ponta afilada do seu nariz contra a minha palma. É claro que ela não tinha qualquer hipótese de me fazer frente, mas mesmo assim não resultou. O meu pai passou por lá durante a ronda que fazia pela casa antes de se deitar e salvou-a. Levou-me de volta à minha cama.

— Isto nunca aconteceu — disse-me ele.

À medida que íamos crescendo, eu parecia não existir, a não ser em relação a ela. Observava-a enquanto dormia na outra ponta do quarto, com uma longa sombra a unir as nossas camas, e ia contando as maneiras: veneno polvilhado nos seus cereais; uma corrente perigosa que a arrastava para o largo; um raio.

Mas acabei por não matar a minha irmã. Ela fê-lo sozinha.

Ou, pelo menos, é isso que digo a mim mesma.

SEGUNDA-FEIRA

Irmão, eu sou fogo
Que se agita sob o fundo oceânico.
Nunca irei ao teu encontro, irmão...
Pelo menos, durante anos;
Talvez milhares de anos, irmão.
Depois, irei aquecer-te,
Estreitar-te, envolver-te em círculos,
Usar-te e mudar-te...
Talvez milhares de anos, irmão.

— CARL SANDBURG, «Kin»

ANNA

Quando era miúda, para mim o maior mistério não era *como* é que os bebés eram feitos, mas sim *porquê*. Eu compreendia a mecânica — Jesse, o meu irmão mais velho, pusera-me a par — embora na altura eu tivesse a certeza de que ele tinha percebido mal metade daquilo. Os outros miúdos da minha idade entretinham-se a procurar as palavras *pénis* e *vagina* no dicionário da sala de aula quando o professor estava de costas, mas eu prestava atenção a outros pormenores. Como, por exemplo, porque é que algumas mães só tinham um filho, ao passo que outras famílias pareciam multiplicar-se diante dos nossos olhos. Ou como a miúda nova na escola, Sedona, dizia para quem a quisesse ouvir que tinha o nome do lugar onde os pais estavam de férias quando a conceberam (*Ainda bem que eles não estavam em Jersey City, costumava dizer o meu pai*).

Agora que tenho treze anos, essas distinções são ainda mais complicadas: a aluna do oitavo ano que abandonou os estudos porque *se meteu em sarilhos*; uma vizinha que *engravidou* na esperança de que isso impedisse o marido de pedir o divórcio. Digo-vos uma coisa, se os extraterrestres viessem à Terra hoje e analisassem bem as razões para o nascimento dos bebés, iriam concluir que a maior parte das pessoas têm filhos por acaso, ou porque bebem demasiado numa determinada noite, ou porque as medidas contraceptivas não são cem por cento eficazes, ou por milhentas outras razões que não são muito lisonjeiras.

Por outro lado, eu nasci para um fim muito específico. Não fui o resultado de uma garrafa de vinho barato, de uma lua cheia ou do calor do momento. Nasci porque um cientista conseguiu juntar os óvulos da minha mãe com os espermatozoides do meu pai para criar uma combinação específica de material genético precioso. De facto, quando Jesse me contou como é que se

faziam os bebês e eu, a grande cética, decidi perguntar aos meus pais a verdade, recebi uma resposta mais completa do que esperava. Fizeram-me sentar e contaram-me as coisas habituais, é claro, mas também explicaram que tinham escolhido especificamente o meu embrião porque podia salvar a minha irmã Kate.

— Ainda te amámos mais — tratou a minha mãe de dizer — porque sabíamos exatamente o que íamos ter.

Mas isso fez-me pensar no que teria acontecido se Kate fosse saudável. O mais provável era eu continuar a flutuar no Céu ou onde quer que fosse, à espera de ser ligada a um corpo para passar algum tempo na Terra. Certamente, não faria parte desta família. É que, ao contrário do resto do mundo livre, eu não cheguei aqui por acaso. E se os nossos pais nos têm por uma razão, então é bom que essa razão continue a existir, pois, assim que ela desaparecer, o mesmo acontecerá connosco.

As lojas de penhores podem estar cheias de tralha, mas também vos posso dizer que são um terreno fértil para histórias, embora não me tenham pedido a opinião. O que terá acontecido para levar uma pessoa a empenhar o Solitário de Diamante Nunca Antes Usado? Quem é que estaria tão desesperado por dinheiro para vender um urso de peluche sem um olho? Enquanto me dirijo ao balcão, pergunto-me se alguém irá olhar para o medalhão que estou prestes a entregar e fazer aquelas mesmas perguntas.

O homem que está na caixa registadora tem um nariz que parece um nabo e olhos tão encovados que nem percebo como é que vê o suficiente para gerir o seu negócio.

— Precisa de alguma coisa? — pergunta.

Fingir que entrei ali por engano é a única coisa que posso fazer para não dar meia-volta e sair porta fora. O que me mantém firme é saber que não sou a primeira pessoa a estar em frente daquele balcão a segurar a única coisa no mundo de que nunca pensei separar-me.

— Tenho uma coisa para vender — digo-lhe.

— E está à espera de que eu adivinhe o que é?

— Oh! — Engolindo em seco, tiro o medalhão do bolso das calças de ganga. O coração cai sobre o tampo de vidro do balcão no meio da sua própria corrente. — É ouro de catorze quilates — informo. — Quase não foi usado.

É mentira; até àquela manhã, tinha-o usado durante sete anos sem o tirar. O meu pai ofereceu-mo quando eu tinha seis anos, depois da colheita de medula óssea, dizendo que alguém que dava um presente daqueles à irmã também merecia receber um. Ao vê-lo ali em cima do balcão, sinto o pescoço arrepiaado e nu.

O proprietário da loja leva uma lupa ao olho, o que faz com que este pareça ter um tamanho quase normal.

— Dou-lhe vinte.

— *Dólares?*

— Não, pesos. O que é que estava a pensar?

— Vale cinco vezes mais! — digo eu, tentando adivinhar.

O proprietário encolhe os ombros.

— Não sou eu que preciso de dinheiro.

Pego no medalhão, resignada a fechar o negócio, e acontece algo estranhíssimo: a minha mão fecha-se sobre ele como uma ferramenta de desencarceramento. Fico vermelha com o esforço que faço para abrir os dedos. Parece passar uma hora até o medalhão cair finalmente na mão estendida do dono da loja. Os seus olhos continuam a fitar-me, agora mais suaves.

— Diga-lhes que o perdeu — alvitro, num conselho gratuito.

Se o senhor Webster tivesse decidido incluir a palavra *aberração* no seu dicionário, *Anna Fitzgerald* seria a melhor definição que ele podia dar. E não é só por causa do meu aspeto: magra como uma refugiada, sem peito nenhum, cabelo cor de terra, faces cobertas de sardas que mais parecem um jogo de ligar os pontos e que, deixem-me que lhes diga, não se desvanecem com sumo de limão ou protetor solar, e nem mesmo com lixa, infelizmente. Não, Deus estava obviamente de mau humor no dia em que nasci, pois juntou a esta fabulosa combinação física um enquadramento mais global: a família em que nasci.

Os meus pais tentavam que tudo decorresse com normalidade, mas este é um termo muito relativo. A verdade é que nunca fui realmente criança. Nem Kate ou Jesse o foram, para ser sincera. Suponho que o meu irmão talvez tenha tido o seu momento áureo durante os quatro anos da sua vida que precederam o diagnóstico de Kate, mas desde então temos estado demasiado ocupados a olhar para trás para corrermos em frente e crescermos. A maior

parte das crianças pequenas pensa que é como as personagens dos desenhos animados e que, se uma bigorna lhes cair em cima da cabeça e as espalmar, conseguem descolar-se do passeio e continuar a andar. Bem, eu nunca acreditei nisso. E como é que podia acreditar, quando púnhamos praticamente um lugar à mesa para a Morte?

Kate tem leucemia promielocítica aguda. Por acaso, não é bem verdade. Neste momento, não a tem, mas está a hibernar sob a sua pele como um urso, até decidir rugir de novo. Foi diagnosticada quando tinha dois anos; agora tem dezasseis. *Recaída molecular*, *granulócito* e *cateter implantável* são palavras que fazem parte do meu vocabulário, embora nunca as venha a encontrar em nenhum exame de acesso à universidade. Sou uma dadora alogénica, uma irmã totalmente compatível. Quando Kate precisa de leucócitos, células estaminais ou medula óssea para enganar o corpo e levá-lo a pensar que é saudável, sou eu que os forneço. Quase sempre que Kate é hospitalizada, também acabo por ir parar ao hospital.

Nada disto significa o que quer que seja, a não ser que não devem acreditar no que ouvirem dizer a meu respeito, e muito menos naquilo que eu vos conto.

Enquanto subo a escada, a minha mãe sai do quarto com um vestido de baile novo.

— Ah — diz ela, virando-se de costas para mim. — Precisamente a rapariga que eu queria encontrar.

Corro-lhe o fecho e vejo-a rodopiar. A minha mãe podia ser linda, se caísse de paraquedas na vida de outra pessoa. Tem cabelo escuro e comprido e as clavículas de uma princesa, mas os cantos da sua boca estão virados para baixo, como se tivesse engolido notícias amargas. Não tem muito tempo livre, uma vez que a sua agenda é algo que pode mudar drasticamente se a minha irmã aparecer com um hematoma ou uma hemorragia nasal, mas aquele que tem gasta-o no Bluefly.com, a encomendar vestidos de noite ridiculamente elegantes para lugares onde nunca irá.

— O que achas? — pergunta-me.

O vestido tem as cores todas do sol poente e é feito de um material que faz ruge-ruge quando ela se mexe. Não tem alças, é um daqueles modelos que uma estrela de cinema poderia usar ao desfilar na passarela vermelha, precisamente o oposto do traje recomendado para uma casa suburbana em

Upper Darby, Rhode Island. A minha mãe enrola o cabelo num puxo e prende-o. Em cima da cama, tem mais três vestidos: um justo e preto, um com contas de vidro, e outro que parece incrivelmente pequeno.

— Pareces...

Cansada. A palavra borbulha sob os meus lábios.

A minha mãe permanece completamente imóvel, e eu fico a pensar se te-rei pronunciado a palavra sem querer. Ela levanta uma mão, fazendo sinal para me calar, de orelha inclinada para a porta aberta.

— Ouviste aquilo?

— Aquilo o quê?

— Kate.

— Não ouvi nada.

Mas ela não se fiou na minha palavra, porque quando se trata de Kate ela não se fia em ninguém. Sobe a escada e abre a porta do nosso quarto, encontrando a minha irmã completamente histérica em cima da cama, e de um momento para o outro o mundo volta a desabar. O meu pai, um astrónomo frustrado, tentou explicar-me os buracos negros, dizendo que são tão pesados que absorvem tudo no seu centro, incluindo a luz. Momentos como este representam o mesmo tipo de vácuo; por mais que nos tentemos agarrar a algo, acabamos por ser sugados lá para dentro.

— Kate! — A minha mãe deixa-se cair no chão, com aquela estúpida saia à volta dela como uma nuvem. — Kate, querida, o que é que te dói?

Kate abraça uma almofada contra a barriga e as lágrimas correm-lhe pelo rosto. O seu cabelo claro está colado ao rosto em madeixas húmidas; a respiração está demasiado tensa. Eu fico paralisada à porta do meu próprio quarto, à espera de instruções: *Telefona ao papá. Telefona para o 112. Telefona para o Dr. Chance.* A minha mãe tenta arrancar-lhe uma explicação melhor.

— É o Preston — diz ela entre soluços. — Vai deixar a Serena de vez.

É nessa altura que reparamos na televisão. No ecrã, um louro extremamente atraente lança um olhar nostálgico a uma mulher que chora quase tanto como a minha irmã e depois bate com a porta.

— Mas o que é que te dói? — pergunta a minha mãe, certa de que tem de haver mais alguma coisa para além daquilo.

— Oh, meu Deus! — diz Kate, fungando. — Faz alguma ideia do que o Preston e a Serena passaram? Faz?

O aperto que sinto dentro de mim abranda, agora que sei que está tudo bem. Na nossa casa, a normalidade é como um cobertor demasiado curto para uma cama — umas vezes tapa-nos perfeitamente, outras deixa-nos com frio e a tremer; e o pior de tudo é nunca sabermos qual delas vai ser. Sento-me na borda da cama de Kate. Embora só tenha treze anos, sou mais alta do que ela e, de vez em quando, as pessoas presumem erradamente que eu sou a mais velha. Em alturas diferentes neste verão, estive doida por Callahan, Wyatt e Liam, os atores principais desta telenovela. Agora, suponho que seja a vez de Preston.

— Houve o susto do rapto — digo.

Na verdade, segui aquela história; Kate obrigou-me a gravar o programa durante as suas sessões de diálise.

— E aquela vez em que quase casou com o gémeo dele, por engano — acrescenta Kate.

— Não te esqueças de quando ele morreu no acidente de barco. Pelo menos, durante dois meses.

A minha mãe junta-se à conversa, e eu lembro-me de que ela também costumava seguir a telenovela enquanto estava sentada ao lado de Kate, no hospital.

Kate parece reparar pela primeira vez na roupa da nossa mãe.

— O que é que tem vestido?

— Oh, é para devolver.

Põe-se de pé à minha frente para eu lhe abrir o fecho. Para outra mãe qualquer, esta compulsão para encomendar coisas pelo correio seria um sinal de alerta para a necessidade de terapia; no caso da minha mãe, seria provavelmente considerada um escape saudável. Pergunto-me se o que tanto lhe agrada será o facto de se pôr na pele de outra pessoa durante algum tempo ou a opção de poder devolver algo que não lhe convém.

— Tens a certeza de que não te dói nada? — pergunta ela, olhando insistentemente para Kate.

Depois de a minha mãe se ir embora, Kate afunda-se um bocadinho. É a única maneira de descrever a rapidez com que a cor lhe foge do rosto e a forma como ela desaparece contra as almofadas. À medida que vai ficando mais doente, a sua presença vai-se desvanecendo, de tal forma que tenho medo de acordar um dia e não ser capaz de vê-la.

— Sai da frente — ordena Kate. — Estás a tapar a imagem.

Por isso, vou sentar-me na minha cama.

— São só as cenas do próximo episódio.

— Bem, se morrer esta noite, quero saber o que vou perder.

Ajeito as almofadas debaixo da minha cabeça. Kate trocou-as, como de costume, e ficou com todas as que não parecem pedras debaixo do pescoço. Merece-o alegadamente por ser três anos mais velha do que eu, ou por estar doente, ou porque a Lua está em Aquário... Há sempre uma razão. Olho de esguelha para a televisão, desejando poder mudar de canal, mas sabendo que não tenho hipótese.

— O Preston parece feito de plástico.

— Então porque é que te ouvi sussurrar o nome dele a noite passada para a almofada?

— Cala-te! — digo.

— Cala-te *tu!* — E depois Kate sorri para mim. — O mais provável é ser homossexual. Um desperdício, tendo em conta que as irmãs Fitzgerald são... — Retrai-se e fica a meio da frase, e eu reboło na sua direção.

— Kate?

— Não é nada — diz ela, esfregando o fundo das costas.

São os rins.

— Queres que vá buscar a mãe?

— Ainda não.

Ela estende o braço entre as nossas camas, que estão separadas precisamente o suficiente para tocarmos uma na outra se ambas tentarmos fazê-lo. Também estendo a mão. Quando éramos pequenas, fazíamos esta ponte e tentávamos ver quantas Barbies conseguíamos equilibrar sobre ela.

Ultimamente, tenho tido pesadelos em que sou cortada em tantos bocados que o que resta de mim não chega para me reconstituir.

O meu pai diz que um fogo acaba por se extinguir, a menos que se abra uma janela para o alimentar. Suponho que seja isso que estou a fazer, bem vistas as coisas; mas o meu pai também diz que quando as chamas nos lambem os calcanhares, temos de derrubar uma parede ou duas, se quisermos escapar. Por isso, quando Kate adormece devido aos medicamentos, pego na pasta de couro que guardo entre o colchão e o estrado e vou para a casa de

banho para ter alguma privacidade. Eu sei que Kate andou a bisbilhotar — entalei uma linha vermelha entre os dentes do fecho para saber quem é que andava a mexer nas minhas coisas sem autorização, mas embora a linha esteja partida, não falta nada lá dentro. Ponho a água da banheira a correr, para parecer que há uma razão para estar ali e sento-me no chão a contar.

Juntando os vinte dólares da loja de penhores, tenho 136,87 dólares. Não vai chegar, mas hei de arranjar forma de contornar a situação. Jesse também não tinha os 2900 dólares quando comprou a lata velha do jipe, e o banco concedeu-lhe um empréstimo qualquer. É claro que os meus pais também tiveram de assinar os documentos, e duvido que se disponham a fazer o mesmo por mim, dadas as circunstâncias. Conto o dinheiro uma segunda vez, não vá dar-se o caso de as notas se terem multiplicado milagrosamente, mas matemática é matemática e o total continua o mesmo. A seguir, leio os recortes de jornal.

Campbell Alexander. É um nome estúpido, na minha opinião. Parece uma bebida demasiado cara ou uma firma de corretagem. Mas não há como negar o historial de sucesso do homem.

Para aceder ao quarto do meu irmão, temos de sair de casa, que é precisamente como ele gosta. Quando Jesse fez dezasseis anos, mudou-se para o sótão por cima da garagem — um esquema perfeito, uma vez que ele não queria que os meus pais vissem o que fazia e os meus pais também não queriam realmente ver. A escada que vai dar ao seu quarto está bloqueada por quatro pneus de neve, uma pequena parede de caixas e uma secretária de carvalho deitada de lado. Às vezes, penso que é o próprio Jesse que ergue estes obstáculos, para que o desafio de chegar à fala com ele seja ainda maior.

Passo por cima daquela confusão e subo a escada, que vibra com o baixo da aparelhagem de Jesse. Passam-se quase cinco minutos até ele me ouvir a bater à porta.

— O que é? — diz ele rispidamente, abrindo uma fresta da porta.

— Posso entrar?

Ele pensa duas vezes e depois recua para me deixar entrar. O quarto é um mar de roupa suja, revistas e embalagens com restos de comida chinesa; cheira à pala transpirada de um patim de hóquei. O único lugar limpo é a prateleira onde Jesse guarda a sua coleção especial — a mascote prateada de um *Jaguar*, um símbolo da *Mercedes*, um cavalo da *Mustang* — ornamentos de capôs que ele me disse ter encontrado por aí, embora eu não seja suficientemente burra para acreditar nele.

Não me interpretem mal. Não é que os meus pais não se importem com Jesse ou com os problemas em que ele se mete. A questão é que eles não têm tempo para se importar com isso, pois é um problema que fica num ponto mais baixo da hierarquia.

Jesse ignora-me, voltando ao que quer que estivesse a fazer do outro lado de toda aquela desordem. A minha atenção é captada por uma panela elétrica que desapareceu da nossa cozinha há uns meses e está agora em cima da televisão de Jesse, com um tubo de cobre a sair da tampa, a passar depois por um garrafão de plástico cheio de gelo e a desembocar num frasco de vidro. Jesse pode tocar as raias da delinquência, mas é brilhante. Precisamente quando estou prestes a tocar na geringonça, Jesse vira-se.

— Está quieta! — Voa praticamente sobre o sofá para me desviar a mão. — Vais dar cabo da serpentina de condensação.

— Isto é aquilo que eu estou a pensar?

— Depende do que estás a pensar — replica, esboçando um sorriso malicioso. Pega no frasco, e o líquido começa a pingar no tapete. — Prova.

Para um alambique improvisado, até que produz um uísque a martelo bastante forte! Sinto um fogo a alastrar pela barriga e pelas pernas com tal rapidez que me deixo cair no sofá.

— Horrível — articulo a custo.

Jesse ri-se e também bebe um gole, mas nele escorrega melhor. — Então, o que é que queres de mim?

— Como é que sabes que quero alguma coisa?

— Porque ninguém vem cá acima só para fazer uma visitinha — diz, sentado no braço do sofá. — E se tivesse que ver com a Kate, já me tinhas dito.

— E tem que ver com a Kate. Mais ou menos.

Enfio os recortes de jornal na mão do meu irmão; eles irão explicar muito melhor do que eu alguma vez conseguiria. Ele examina-os e depois olha-me nos olhos. Os dele têm uma vaga tonalidade prateada, tão surpreendente que às vezes, quando nos fita, esquecemo-nos completamente daquilo que pretendíamos dizer.

— Não desafies o sistema, Anna — diz ele amargamente. — Já temos os nossos guiões decorados. A Kate faz de Mártir. Eu sou a Causa Perdida. E tu, tu és a Pacificadora.

Ele pensa que me conhece, mas eu também o conheço e, no que toca a conflito, Jesse é um viciado.

— Quem disse?